

O CORPO NA FILOSOFIA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

RAFAEL DA SILVA MATTOS

Licenciado em Educação Física (UERJ), Graduando em Filosofia (UERJ) e Doutorando em Saúde Coletiva, Ciências Humanas e Saúde (UERJ).

Resenha de:

CARDIM, L. N. **Corpo**. São Paulo: Globo, 2009. (Coleção Filosofia frente & verso).

O livro “Corpo”, publicado em 2009, pelo filósofo Leandro Neves Cardim é uma apresentação geral e resumida da noção de corpo não somente na história da filosofia, mas na história do ocidente. O autor nos convida a mergulhar em múltiplos oceanos conceituais e percorrer diversos caminhos epistemológicos acerca da noção de corpo. Se o verdadeiro filósofo é aquele que cria conceitos, Cardim procura nos mostrar como o conceito de corpo foi criado e sofreu mutações da antiguidade à contemporaneidade. Platão criou o conceito de “idéia”, Aristóteles o de “substância”, Descartes o “cogito”, Leibniz a “mônada”, Bérghson a “duração”, entre outros. O conceito de “corpo” também foi criado em sua singularidade. Discursos e práticas ao longo da história

ratificam os conceitos. Foi preciso que inúmeros campos e solos, ou melhor, planos de imanência fossem possíveis para que o conceito de corpo fosse criado em cada momento histórico. Para os profissionais de Educação Física que se seduzem pelas perspectivas filosóficas sobre o corpo, Cardim nos traz uma bela obra introdutória. Ele desperta nosso desejo de procurar às fontes primárias e escutar a voz de cada filósofo.

O livro é dividido em três partes, sendo cada uma composta de um conjunto de autores em certo período histórico definido, obedecendo ao que o autor chama de ponto de vista cronológico e temático. Tal livro nos permite compreender como a noção de corpo é produto de momentos históricos específicos com condições geofilosóficas precisas. Para a filosofia, o debate entre natureza e cultura, tão caro nas ciências sociais, torna-se enigmático, pois tanto natureza quanto cultura são olhares específicos de cada filósofo. O corpo natural ou cultural cede espaço para o corpo como acontecimento, potência,

força.

A primeira parte do livro inicia com uma breve apresentação da noção de corpo da antiguidade grega ao período moderno. Na Grécia, corpo e alma compunham um todo indivisível. Os exercícios físicos tinham função importante no estabelecimento da harmonia e do equilíbrio entre corpo e alma formando o homem bom e belo. Com Platão (428 a.C.-347 a.C.), a noção de corpo se modifica, na mesma medida que uma metafísica vai se constituindo. Enquanto o Mundo das Idéias recebe grande valor, o corpo passa a ser considerado como cárcere, obstáculo à ascensão. A alma, por sua vez, proveniente da divindade, contemplou as idéias e possui a capacidade de buscar pelo pensamento racional o bom, o belo, o justo e o verdadeiro. Corpo mortal, alma imortal: eis a conclusão platônica. Finalizando a discussão antiga de corpo, Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), ao elaborar sua metafísica, coloca o conhecimento como variação em diferentes graus que são contínuos e complementares entre si: sensação, percepção, imaginação, memória, experiência, técnica, ciência. Aristóteles valoriza os sentidos (percepção sensorial) no processo de conhecimento, o que dá mais valor ao corpo, diferentemente de Platão que considerava o conhecimento sensível como aparência, ilusão, falsidade.

Em Descartes (1569-1650), pai da filosofia moderna, Cardim nos mostra que há uma oposição bem nítida entre a coisa pensante e a coisa extensa (corpo). Temos um espírito que se manifesta no fato de sermos seres pensantes, mais real e mais fácil de reconhecer do que a existência corporal, e temos um corpo que obedece aos princípios, regras e leis da mecânica. Tanto o mundo como o corpo são compreendidos como máquinas. O corpo humano é considerado, por Descartes, a máquina mais perfeita, criada pelas mãos de Deus. É possível conceber alma e corpo como realidades distintas e independentes.

O último autor da primeira parte da obra é o filósofo francês Maine de Biran (1766-1824) que ressalta a importância do tato na construção do eu íntimo e do corpo. O tato não é apenas um instrumento sensorial, mas também do pensamento. Há, no tato, reflexividade entre

tocante e tocado, sujeito e objeto. Estabelecemos contato com o mundo exterior e nos distinguimos dele pelo tato. O critério para o conhecimento é colocado na corporeidade.

Na segunda parte da obra, Cardim percorre a filosofia de Kant (1724-1804) a Nietzsche (1844-1900). Em Kant, o grande autor das três críticas (Razão Pura, Razão Prática, Faculdade do Juízo), Cardim retoma questões como o sujeito transcendental, formas a priori da sensibilidade, categorias do entendimento e a distinção entre fenômeno e coisa-em-si. O autor se concentra na impossibilidade de conhecer a alma, enquanto podemos apenas pensá-la. O corpo é pouco abordado tanto pelo autor da revolução copernicana na filosofia quanto por Cardim.

Com Edmundo Husserl (1859-1938), Cardim afirma que há uma renovação na concepção da corporeidade, pois o corpo é protagonista na filosofia fenomenológica. Ele nos dá acesso ao mundo. A própria percepção sensorial implica em construção do pensamento. Para Cardim, trata-se da sincronização da própria consciência encarnada que realiza seus movimentos. No final desta parte, o autor ainda retoma o filósofo da duração, Henri Bergson (1859-1941), para quem não existe a diferença tradicional ocidental entre corpo e espírito.

Já o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900) se posiciona contra as concepções metafísicas e ontológicas que desvalorizam o corpo em proveito da alma. Nietzsche dá voz ao corpo, à vida, às pulsões, aos desejos. Para ele, o corpo é conjunto de forças que expressa a vontade de potência. Nietzsche critica a moral tradicional racionalista, considerada decadente. Ele propõe o livre curso dos anseios corporais, de modo que o homem possa, ao mesmo tempo, acompanhar e superar o movimento contraditório e antagônico da vida. Precisamos abandonar a moral dos escravos, caracterizada pelo ressentimento, que nega os valores vitais e nutre a impotência. É preciso ressaltar o corpo, a vida. É preciso dizer “sim” à vida. Com Nietzsche chega ao fim toda e qualquer possibilidade de negar o corpo e supervalorizar a alma.

No final da obra, Cardim irá ainda abordar noção

de corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty (1908-1961) e na microfísica do poder de Foucault (1926-1984). Ao escrever Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty procura nos mostrar que só conhecemos nosso corpo vivendo-o. A motricidade, tão cara aos profissionais de Educação física, não pode ser compreendida através uma simples análise dos mecanismos neurofisiológicos. O autor cita o caso do soldado alemão Schneider e nos ajuda a problematizar nossas concepções biomédicas reducionistas da motricidade humana. É a motricidade humana que aparece como sendo a intencionalidade mais antiga e mais original, antes de qualquer intencionalidade cognitiva ou epistemológica.

Em Foucault, a ênfase estará nos efeitos de poder e saber sobre o corpo. Enfatiza-se a anátomo-política do corpo e a biopolítica das espécies. São relações de poder e saber que se materializam no corpo. O poder penetra nos comportamentos, nas condutas, nos desejos e nos prazeres. O controle do corpo através dos exercícios disciplinares tem por objetivo torná-lo útil economicamente e dócil politicamente. Por fim, Cardim apresenta o corpo sem órgãos a partir de Deleuze (1925-1995). O corpo aparece como um conjunto de potências imprevisíveis, uma multiplicidade de forças. Fica aqui a sugestão ao profissional de Educação Física: percorrer a história filosófica do corpo de Platão à Deleuze.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Qu'est-ce que la philosophie?**

Paris : Minuit, 1991.

DESCARTES, R. **Le Discours de la méthode**. Paris : Flammarion, 2000.

FOUCAULT, M. **Surveiller et punir**. Paris : Éditions Gallimard, 1993.

FOUCAULT, M. **Résumé des cours (1970-1982)**. Paris: Julliard, 1989.

JAEGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur Parreira. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Paidéia).

JOUMIER, L. **Husserl: la naissance de la phénoménologie**. Sciences Humaines, n. 9 (Les grands philosophes), mai-juin 2009.

NIETZSCHE, F. **Humano demasiado Humano**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Tradução de J. Guinsburg. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: Como alguém se torna o que é**. Tradução de Paulo César de Souza. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PLATÃO. **Fédon**: diálogo sobre a alma e morte de Sócrates. Tradução de Miguel Ruas. São Paulo: Martin Claret, 2007.

VERNANT, J-P. **As origens do pensamento grego**. Lisboa: Dificil, 2002.

Correspondência:

Autor: Rafael da Silva Mattos

E-mail: profmattos2010@gmail.com